



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 28/07/2017

BRASIL	2
Mercado ganadero con indicios de mejora.....	2
Modificarán vacuna contra la aftosa después del veto de EE.UU.	2
Mejoran márgenes frigoríficos brasileños.....	2
Producción de carnes bovinas prevén incremento del 20,5% en la próxima década.....	2
Goiás reduce alícuota ICMS para el ganado en pie.....	3
DIPOA agiliza el registro de productos de origen animal.....	3
Brasil primer país en adherir al banco de vacunas contra la aftosa de América Latina	4
Implementan programa de evaluación de inspectores veterinarios oficiales.....	4
URUGUAY	4
Brusca interrupción de la suba de precios del ganado gordo	4
Sector cárnico facturó 15% más y llegó a US\$ 991 millones.....	5
Negocios de carne a China sin fluidez por presión bajista de precios	6
Junta de INAC participó de reuniones previas a firma con Certificadora china	6
Declaraciones de Dicose en forma digital aumentan 20%.....	6
INAC calculará periódicamente precio del novillo de corral	7
Incautan carne clandestina en varios comercios de Durazno.....	8
PARAGUAY	8
Emiratos Árabes confirma a Paraguay para comprar carne	8
Inician etapa de vacunación	8
Ganadería afectada por heladas	9
UNIÓN EUROPEA	9
CETA beneficiará a exportadores canadienses de carne bovina	9
ESTADOS UNIDOS	10
EEUU alcanzó su mayor stock ganadero desde 2011.....	10
EEUU alcanzó el mayor volumen de ganado encerrado de la última década	10
Más animales dentro y fuera de los feed lots	10
NAFTA: su importancia para el sector de las carnes bovinas.....	11
Impacto de las exportaciones sobre la producción estadounidense.....	12
Caso de BSE atípico: TAIWAN no altera medidas – COREA DEL SUR incrementa inspecciones	14
JAPÓN aplicó cláusula de salvaguarda e incrementó arancel para carnes congeladas procedentes de EE.UU.	15
VARIOS	16
COLOMBIA - Aftosa: virus colombiano es cepa de origen andino.....	16
INDIA – Gobierno central intenta apelar la medida de la Corte Suprema	16
CHINA suspendió temporalmente exportaciones de carne de seis industrias australianas.....	17
EMPRESARIAS	17
Marubeni adquirió Creekstone Farms en US\$ 170 millones.....	17
JBS cierra acuerdo bancario y congela su deuda por doce meses	18
JBS ganaderos vuelven a venderle.....	18
JBS contrata personal en los estados de Goiás y Mato Grosso do Sul.....	19
Marfrig reabre establecimiento en Paranaíba	19



BRASIL

Mercado ganadero con indicios de mejora

Sexta-feira, 28 de julho de 2017 - Mercado do boi gordo firme. Foram treze as praças com alta para o boi gordo no fechamento da última quinta-feira (27/7).

Apesar das escalas não estarem, na média, apertadas, a redução na disponibilidade de boiadas para abate sustenta as cotações e possibilita a recuperação em algumas regiões.

O período típico de entressafra se torna cada vez mais visível. Junto a esse encurtamento de oferta, o nível de incerteza, ampliado no pós-delação, já começa a diminuir, com notícias positivas quanto às operações e venda de ativos da JBS.

A recuperação para o contrato de outubro/17 é mais um indicador disso.

No mercado atacadista de carne bovina com osso os preços ficaram estáveis.

Modificarán vacuna contra la aftosa después del veto de EE.UU.

25/07/17 - por Equipe BeefPoint A composição da vacina contra febre aftosa vai mudar. O Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan) definiu, junto com o Ministério da Agricultura, retirar a saponina, substância apontada pela cadeia produtiva como a responsável pelo aparecimento de abscessos na carne. Esses “caroços” levaram os Estados Unidos a suspender a importação da carne in natura do Brasil no fim de junho.

Segundo Emilio Salani, vice-presidente executivo do Sindan, a indústria iniciou o processo de retirada do adjuvante saponina. Seguindo o cronograma de produção e validação do ministério, a nova vacina estará disponível na campanha oficial de vacinação de novembro de 2018.

O anúncio de Salani ocorreu durante reunião extraordinária da Cosalfa (Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa), realizada em Brasília. “O desenvolvimento de uma nova formulação implica investimentos pesados por parte da indústria para adequação aos parâmetros de controle, porém mantendo a mesma eficiência e pureza da formulação atual”, diz Salani.

Em março, o ministério e a indústria já haviam definido, para agosto de 2017, o início da fabricação de vacina contra aftosa bivalente (vírus O 1 e A24), com a retirada do vírus C, já erradicado do Brasil. Além disso, com a avaliação positiva dos testes oficiais de potência, a indústria passará a produzir doses de 2 ml da vacina a partir de maio de 2018, em substituição à dose atual, de 5 ml. Esta redução também atende à reivindicação da cadeia produtiva.

Mejoran márgenes frigoríficos brasileños

27 de julio de 2017 Los principales frigoríficos de Brasil alcanzaron en el segundo trimestre de este año sus mayores márgenes, al menos, desde fines de la década de 1990, según un sondeo realizado por la agencia Bloomberg.

Marfrig, Minerva y JBS informarán para el segundo trimestre niveles más altos de ganancias, tras la fuerte baja que registró el precio del ganado tras el operativo “Carne débil”, y un ajuste menos acentuado en el precio de la carne.

Bloomberg destacó que los márgenes atractivos llevan a que grupos como Marfrig y Minerva estén retomando la actividad en plantas que habían parado de producción en los últimos años.

Un informe del banco Itaú BBA del 20 de julio destacó que los mayores márgenes compensarán los efectos de los embargos comerciales generados tras el escándalo, tras el operativo en marzo.

Desde ese entonces el precio del ganado ha bajado más de 15% y se ha reducido la actividad del grupo JBS, vinculado al escándalo por corrupción que alcanzó altas esferas de gobierno.

El analista de la firma Agroconsult, Mauricio Nogueira, señaló que los indicadores para los frigoríficos no han sido tan positivos “al menos” desde fines de la década de 1990 al comparar el precio del ganado y de la carne.

En el municipio de Campo Grande en el estado de Mato Grosso del Sur, los precios del ganado disminuyeron a su nivel más bajo desde marzo del 2014 a 114,69 reales por arroba, lo que equivale a US\$ 2,4 por kilo. Por su parte, la faena estimada para este año se redujo de 40,6 millones a 39,6 millones de cabezas.

Por el lado de la oferta hay gran abundancia ya que la preocupación mundial en cuanto a inocuidad de la cadena cárnica ha cerrado diferentes mercados en los que accedía Brasil.

Producción de carnes bovinas prevén incremento del 20,5% en la próxima década

25 de julho de 2017 - Relatório projetado que país fornecerá 11,44 milhões de toneladas da proteína em 2027; consumo interno e exportações também aumentarão

A produção brasileira de carne bovina deve crescer 20,5% nos próximos dez anos, segundo o relatório ‘Projeções do Agronegócio’ publicado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e



pela Embrapa este mês. Ao ano, a alta deve ficar em torno de 2,1%, abaixo das taxas para suínos (2,5%) e frango (2,8%), mas elevada o bastante para suprir o mercado doméstico e as exportações. A projeção estima que 11,44 milhões de toneladas de carne bovina serão produzidas em 2027. Em 2017, esse número deve ficar na casa das 9,5 milhões de toneladas. Os preços ao produtor também devem crescer na próxima década, acompanhando a expansão da produção. De toda a carne bovina que deve ser produzida no país em 2026/2027, 78,3% será destinada ao consumo interno. A demanda doméstica por carnes também crescerá no período, mas em taxas inferiores, chegando a um aumento de 15,8% no período. O relatório coloca que o mercado doméstico consumirá cerca de 8,96 milhões de toneladas de carne bovina em 2027 contra 7,74 milhões de toneladas este ano.

Já as exportações brasileiras vão se expandir em uma média anual de 3%. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em relatório, projeta o Brasil como o primeiro exportador de carne bovina em 2026, com a Austrália em segundo, seguida por Índia e Estados Unidos. A estimativa do Mapa é de que 2,42 milhões de toneladas de carne bovina sejam embarcadas em 2027. Este ano, o valor deve ser de 1,8 milhões de toneladas.

Abates - De acordo com o IBGE, foram abatidas em 2016 quase 29,7 milhões de cabeças em todo o país. Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Pará, Rondônia e Rio Grande do Sul, lideram os abates, com 76,6% do total.

Fonte: Portal DBO

Goiás reduce alíquota ICMS para el ganado en pie

25/07/17 - por Equipe BeefPoint O governo de Goiás publicou na sexta-feira, 21, decreto que regulamenta a redução da alíquota do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) para gado em pé em operações interestaduais. O crédito concedido ao produtor é de 5%, ou seja, a alíquota passa de 12% para 7% e já está valendo desde a publicação na sexta.

Benefício similar já foi concedido por Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Diferentemente dos vizinhos, em que a medida valerá por 90 dias, em Goiás ela tem prazo indeterminado. Segundo a Secretaria de Estado da Fazenda, “a mudança dá competitividade ao rebanho goiano para competir nos grandes centros consumidores do país”.

No dia 20, a Sefaz também baixou os valores da pauta fiscal (preço de referência para a cobrança do imposto) do gado bovino destinado ao abate. O valor do gado bovino fêmea para abate, de 13 a 24 meses, passou de R\$ 1.291,76 para R\$ 1.288,95 a cabeça, uma redução de 0,22%. Já o preço do macho de mesma idade que passou de R\$ 2.071,12 para R\$ 2.038,26 a cabeça, redução de 1,59%.

Fonte: Sefaz/GO, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

DIPOA agiliza el registro de productos de origen animal

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint. 25/07/17 - por Equipe BeefPoint

O Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), graças a uma força tarefa realizada, praticamente acabou com a fila de pedidos de registro de produtos de origem animal, que esperavam por aprovação há mais de 60 dias.

O ministro Blairo Maggi determinou que fossem adotadas ações de gestão para fluidez dos processos. O trabalho intensivo do Dipoa iniciado em 26 de junho foi até a última sexta-feira (21). A plataforma do sistema de Registros de Inspeção Sanitária (SIFs) contava com 14.641 solicitações, sendo que 82% se referiam a produtos regulamentados, isto é, com aprovações automáticas. Do total, 2.622 precisavam de análise prévia, pois não havia regulamentação, e, desses, 1.204 foram analisados.

Segundo o diretor do Dipoa, José Luis Vargas, o objetivo do ministério é que o tempo de espera para registro de produto de origem animal seja inferior a 30 dias. Vargas explicou que o acúmulo de pedidos foi provocado por instabilidades e oscilação do sistema de informática, o que fez com se acumulassem solicitações de registro de produtos, levando a um período de espera de análise maior.

O diretor explicou que no início deste ano, com a implantação do Sistema de Informações Gerenciais/Serviço de Inspeção Federal (SIGSIF 2/PGA) e a publicação da Instrução Normativa Nº 1 de 11 de janeiro de 2017, começou a ser feito o registro automático de produtos de origem animal regulamentados, trazendo agilidade e transparência ao processo de registro de produtos de origem animal e transferindo responsabilidade do atendimento à legislação aos fabricantes dos produtos. Esses são avaliados por auditores fiscais federais agropecuários em fiscalizações de rotina, em supervisões e auditorias.

O DIPOA utiliza um painel de gerenciamento de solicitações de registro de produtos, que extrai os dados a partir do novo sistema, possibilitando avaliação das maiores demandas de registro e uma programação mais efetiva no que se refere à regulamentação. Quanto maior o número de produtos regulamentados, maior número pode ser registrado automaticamente.



Brasil primer país en adherir al banco de vacunas contra la aftosa de América Latina

24/07/17 - por Equipe BeefPoint O Brasil é o primeiro país da América Latina a aderir oficialmente à criação de um banco de antígenos e vacinas contra a febre aftosa na região. O anúncio foi feito pelo presidente da Comissão Sul-Americana para a Luta Contra a Febre Aftosa (Cosalfa), Guilherme Marques, nesta sexta-feira (21), ao final de reunião extraordinária do órgão, em Brasília.

“Esse banco vai permitir o enfrentamento de eventuais problemas futuros, que podem surgir com a retirada da vacina no Brasil, além de contribuir para aquelas nações que não tenham à disposição doses do produto em quantidade suficiente para imunizar seus rebanhos.”

Os representantes dos países que compõem a Cosalfa aprovaram ainda resolução para apoiar a Colômbia na erradicação de quatro focos de aftosa detectados recentemente.

“Será enviada uma missão técnica àquele país, sob a coordenação da Panaftosa (Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa), para ajudar os colombianos e trocar experiências”, disse Marques, que também é diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Durante a reunião também foi aprovada resolução para realizar uma ação integrada entre o Brasil e a Colômbia na Venezuela. O objetivo é apoiar os venezuelanos a imunizar e inspecionar o rebanho bovino contra aftosa e fazer exames sorológicos. A Venezuela ainda não é livre da doença e está disposta a receber a ajuda, acrescentou Marques.

Outra resolução aprovada na reunião recomenda aos países da América Latina que redobrem os esforços no combate à aftosa e aumentem o volume de investimentos em sanidade animal. O encontro extraordinário da Cosalfa, ligada ao Centro Pan-Americano de Febre Aftosa-OPAS/OMS, começou na quinta (20) e terminou nesta sexta-feira.

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Implementan programa de evaluación de inspectores veterinarios oficiales

26/07/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) implementou oficialmente nesta terça-feira (25) o Programa de Avaliação da Qualidade e Aperfeiçoamento dos Serviços Veterinários Oficiais das instâncias Sistema de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa), o Quali-SV, por meio da Instrução Normativa 27, publicada no Diário Oficial da União. O Quali-SV será apresentado pelo Mapa durante reunião do Fórum Nacional dos Executores de Sanidade Agropecuária (Fonesa) nesta quinta-feira (27), em Rio Branco (Acre). O programa reforçará os controles sobre a saúde dos rebanhos, o que tem reflexos positivos na segurança alimentar.

Os serviços veterinários estaduais e do Distrito Federal serão monitorados não apenas por dados técnicos (indicadores), mas também serão submetidos a avaliações presenciais por meio de auditorias e supervisões. O método, desenvolvido pela Casv, permitirá ter uma visão mais objetiva, atualizada e global dos serviços veterinários.

O serviço veterinário dos estados e do DF passarão por auditoria dos auditores fiscais federais agropecuários do Mapa a cada três anos. Para as auditorias foi desenvolvida uma ferramenta de avaliação da qualidade do Serviço Veterinário Oficial (SVO), adaptando metodologia da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) usada pelos serviços veterinários dos países-membros, conhecida como PVS/OIE Tool (Performance of Veterinary Services).

O Mapa já tem cronograma de auditorias até 2019. Neste ano, elas devem ser realizadas em 10 estados. A previsão para 2018 é de nove auditorias e de oito (em sete estados e no DF) para 2019.

As avaliações envolvem recursos humanos, físicos e financeiros, além da capacidade técnica e operacional do SVO. Os relatórios das auditorias serão divulgados pelo Mapa. Os órgãos auditados deverão implementar medidas corretivas específicas para os achados e recomendações, visando a melhoria dos serviços.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

URUGUAY

Brusca interrupción de la suba de precios del ganado gordo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Julio 28, 2017 Ya no se consiguen los US\$ 3,30 el kilo por los novillos de pasturas

El mercado ganadero tuvo un trancazo, una interrupción por pocos días de las faenas con destino a Israel, algunas plantas cierran para licenciar a su personal y la expectativa de que ingrese ganado de corrales llevaron a la industria a mostrarse mucho menos interesada este jueves en comprar ganado. Desde este jueves los US\$ 3,30 son casi imposibles de conseguir y en realidad poco ganado supera los US\$ 3,25 el kilo.



Del mismo modo, las vacas que pasaban con cierta holgura los US\$ 3 por kilo dejaron de ser pedidas este jueves a precios que superen los tres dólares y muchas plantas inclusive dejaron de mostrar interés de compra por ganado gordo.

La posazafría venía en un ascenso sostenido que parece tener al menos una primera detención. No ha habido un aumento en la oferta. La cantidad de ganado disponible de praderas es baja. La faena seguramente seguirá baja y ahí el mercado buscará un nuevo equilibrio.

Las condiciones climáticas han sido óptimas, permitiendo un mayor margen de maniobra para los productores. Pero eso también puede generar una oferta importante sobre fines de agosto que contribuya a moderar los precios.

Por ahora la oferta es escasa. Será importante ver el dato de faena de esta semana el próximo lunes ya que será una semana normal luego de una que tuvo un feriado y un paro de actividades la pasada.

En el mercado de reposición la firmeza sigue. En el remate de Pantalla Uruguay de este jueves subieron los novillos de 1 a 2, y el resto de la escalera de machos, mientras que se mantuvo estable el precio de los terneros.

La faena de la semana pasada fue poco representativa, con 32.771 animales, 21% menos que los 41.595 animales faenados la semana anterior y 23% por debajo de las 42.593 cabezas de igual período de un año atrás.

Los novillos totalizaron 15.931, con una baja del 28% en comparación con la semana previa, cuando se enviaron a planta 22.173 animales y 27% por debajo de los 21.948 animales de un año atrás.

La caída no fue tan abrupta para vacas, que sumaron un total de 16.133 animales faenados, 14% por debajo de la semana anterior -18.699 animales-. En la comparación interanual cayó en 19 puntos porcentuales respecto a los 19.804 vientres faenados.

Después de seis semanas consecutivas en que esto no ocurría, la faena de vientres superó la de novillos. Representó 49,2% del total mientras que los novillos ocuparon 48,6% del total.

Los corderos representaron 67% del total, con 3.405 cabezas, mientras que la faena de ovejas representó 26% del total, con 1.318 vientres faenados.

Ingresos por exportación

El precio de exportación para vacunos no logra consolidar los US\$ 3.400, mientras que para ovinos alcanzó los US\$ US\$ 4.862 por tonelada.

En la semana cerrada al 22 de julio, el valor de exportación para carne vacuna fue de US\$ 3.387 por tonelada, US\$ 144 por encima respecto a una semana atrás y muy similar a los US\$ 3.301 del mismo período del año 2016. El valor promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 3.328 la tonelada, según los valores divulgados por INAC.

En ovinos, el dato semanal de exportación fue de US\$ 4.862 la tonelada, 56% por encima de los US\$ 3.109 de la semana anterior y 16% más que los US\$ 4.198 del año anterior. El promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue de US\$ 3.842 la tonelada.

Todo hace pensar que el ascenso de precios ha encontrado una resistencia importante y ahora el dato de faena de las semanas próximas será determinante para la lógica de precios por delante.

Sector cárnico facturó 15% más y llegó a US\$ 991 millones

24/07/2017 Presidente de INAC dijo que ayudaron Australia y Brasil.

El sector cárnico uruguayo generó US\$ 991 millones entre comienzos de año y el pasado viernes 21 de julio, cifra que representa un aumento de 15% en las divisas respecto a igual período de 2016, confirmó el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

La carne vacuna ocupó 83% del total, mientras que la ovina solo 3 %, sector que, según el presidente del INAC, Federico Stanham, no tiene limitantes de mercado, por lo cual debe “invertir en gestión y tecnología para aumentar su producción”.

“Más allá de que tenemos mayor producción cárnica, principalmente bovina, uno de los efectos importantes para aumentar las exportaciones fue la reducida presencia de productos de Australia, principalmente en China, así como los inconvenientes sanitarios de Brasil”, dijo Stanham a la página de Presidencia de la República.

Los ingresos obtenidos por carne bovina representaron US\$ 828 millones, la participación de la carne ovina fue de 3% y aportó US\$ 29 millones mientras que las menudencias cubrieron 6% del total, con US\$ 55 millones.

En ese tenor, Stanham detalló que la carne vacuna sumó la venta de 450.000 toneladas, 14% más que en igual período de 2016, y respecto a la ovina, el acumulado es cercano a las 15.000 toneladas, con 42% de aumento en el mismo comparativo.

“Si hay un incremento de 14% en las exportaciones vacunas, es mucha carne, mientras que si hay aumento de más de 30% en la ovina, aunque es importante, se relativiza en términos de volúmenes”, explicó el titular de INAC.



“En carne ovina, Uruguay no tiene problemas ni limitantes de mercados, aunque sí puede haber en algunos momentos problemas de precios”, apuntó.

“El tema es la dificultad que tiene el sector productivo en decidir en invertir con alto nivel de gestión y tecnología para, de esa manera, aumentar su producción”, dijo.

Negocios de carne a China sin fluidez por presión bajista de precios

27/07/17 El mercado chino para la carne vacuna está mostrando síntomas que no eran esperables por los actores públicos y privados hace algunos meses atrás. “La actividad comercial está lenta porque los precios en el mercado interno están flojos, lo que no permite que los negocios cierren con fluidez a los valores que ofrece el mercado internacional actualmente”, comentó Daniel Castiglioni, director de Casti Trading.

El broker de carnes uruguayo radicado en China dijo a Rurales El País que las únicas ventas concretadas fueron a precios que necesitaba el país asiático. Sin embargo, aseguró que para algunos cortes “no cuentan con mucho stock” y “están necesitando salir a reponer”. Más allá de esto, “es esperable que China se comporte de la misma manera para los próximos meses; aunque de existir un repunte, sería mínimo”.

Alta calidad. Al igual que se destacó en varias ocasiones en la feria de Sial China 2017, Castiglioni afirmó que hay oportunidades para ingresar con cortes de alta calidad al grande asiático. “La única opción en China para los productos de lujo la ofrece Australia, y realmente es un nicho muy interesante”. Además indicó que el consumidor chino “está dispuesto a pagar cualquier precio por esos productos, el dinero no es un problema para comprar carne”.

En este sentido, el empresario dijo que una desventaja con la que cuenta Uruguay es no tener tratado de libre comercio. Australia lo tiene y este año pasó de 12 a 8% en el pago de aranceles. El año que viene pagará 6% y en unos años ingresará sus productos sin impuestos.

Este descenso arancelario provocará una menor diferencia de precios entre la carne australiana y uruguayana –actualmente los cortes de Australia son más valorizados-, y “ante valores iguales el consumidor chino prefiere la carne australiana por su marketing e historial”.

Competencia. China comenzó el año con los principales proveedores de carne vacuna del mundo habilitados para la importación. Además, esta semana habilitó doce frigoríficos de Estados Unidos más y anunciaron desde Argentina que antes de fin de año alcanzarían el protocolo sanitario para exportar carne vacuna enfriada. Mientras tanto, Australia mejoró sus expectativas de faena y volumen de exportación y Brasil continúa con buenos niveles de colación y productos más valorizados que Uruguay.

Junta de INAC participó de reuniones previas a firma con Certificadora china

24/07/2017 - “No recibimos previamente el documento a firmar, sino después que se había firmado”, aseguró Guillermo Villa, representante de la Federación Rural en la Junta de Inac.

Carne vacuna en frigorífico.

La firma del acuerdo entre las autoridades chinas y uruguayas para que se instale en nuestro país una empresa certificadora de China para analizar diferentes muestras de la carne vacuna que posteriormente será exportada al país asiático, encontró posiciones enfrentadas en los distintos integrantes de la cadena.

Guillermo Villa, representante de la Federación Rural en la Junta del Instituto Nacional de Carnes (INAC), dijo a Rurales El País que los integrantes de la junta fueron informados de los avances del mismo en varias reuniones, pero “no recibimos previamente el documento a firmar, sino después que se había firmado”.

Explicó que China tenía el objetivo de instalar esta empresa en la región y fue ofrecido a Uruguay; de esta manera, “si el proceso de certificación no cambia el protocolo sanitario, que no creo, no lo vemos mal”. Además marcó la diferencia que este acuerdo es “absolutamente diferente al de la soja”.

Villa comentó que la principal preocupación de la Federación Rural es que “exista una intromisión en la industria”. El productor afirmó que el MGAP debe controlar que se respete lo firmado previamente y que esta empresa público privada de China solo realice análisis en muestras.

Finalmente señaló que restan algunos detalles por conocer, por ejemplo, si va a significar un costo extra. El representante de la gremial de productores comentó que cuando la muestra se realizaba en China era el propio importador que se encargaba de cubrir los costos.

Declaraciones de Dicosé en forma digital aumentan 20%

Julio 25, 2017 Las declaraciones de existencias ganaderas se efectúan hasta el 31 de julio

Las declaraciones de existencias ganaderas de Dicosé que se cumplen durante todo el mes de julio han registrado ya un aumento de más del 20% en forma digital con relación al año pasado, según declaraciones de la directora del Sistema Nacional de Información Ganadera (SNIG), María Nela González.



Es el resultado de las declaraciones efectuadas por los productores que en forma voluntaria optaron por el sistema digital, más los operadores comerciales e industriales que tienen la obligación de hacerlo en esa modalidad.

Previo al inicio del período de declaraciones de Dicose, González había adelantando a El Observador que se esperaba para este año llegar al 50% de ese trámite realizado en forma digital, frente a un 25% del año pasado.

Los departamentos de Artigas, Flores, Rocha y Florida encabezan, hasta el momento, el uso del trámite electrónico. Sin embargo, todo el país muestra un alza en dicho trámite electrónico en comparación al año anterior, informó la web del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP).

Por su parte, los departamentos de Tacuarembó, Lavalleja, Cerro Largo y Salto continúan siendo los que menos declaraciones juradas electrónicas realizan durante el período habilitado para tramitarla.

Hasta el 31 de julio continúa el período para presentar Declaración Jurada Anual de existencias de ganado y frutos del país.

Con carácter obligatorio deberán declarar todas las personas físicas o jurídicas, públicas o privadas que tengan ovinos, bovinos, equinos, suinos y caprinos a cualquier título y cantidad, ya sea en zonas urbanas, suburbanas y rurales, así como las empresas que realicen actividades comprendidas dentro de los giros comerciales o de intermediación (rematadores, consignatarios, chacineros, frigoríficos, abastecedores, etcétera.)

La directora de SNIG subrayó que a partir del primero de agosto no se recibirán más declaraciones en formato papel independientemente que figure con fecha dentro del plazo, con el fin de minimizar posibles irregularidades.

Desde el 2016, este trámite está disponible en formato electrónico a través del portal del SNIG. Para ello será necesario tener usuario y contraseña la que puede solicitarse en la oficial territorial SNIG de la zona, en el Centro de Atención Ministerial del MGAP o por la web de SNIG.

Para las empresas con actividades comerciales o de intermediación, es obligatorio hacer el trámite en formato electrónico. Para los productores el trámite electrónico es opcional y podrán hacerlo en formato papel ante las comisarías y jefaturas de policía en el interior del país.

INAC calculará periódicamente precio del novillo de corral

27/07/2017 - Está trabajando en este nuevo indicador que se podría publicar bimestral o trimestralmente.

En las últimas horas se conoció la noticia de que el Instituto Nacional de Carnes (INAC) no informará sobre la participación de los ganados de campo en los negocios de hacienda, lo que despertó cierto malestar en varios productores ganaderos.

Este indicador permite, por intermedio de un cálculo, conocer el valor aproximado de los ganados de corral y la participación de los mismos en la faena.

Ricardo Reilly, representante de la Asociación Rural del Uruguay (ARU) en la Junta de INAC, dijo a Rurales El País que esta decisión es parte de un trabajo que se ha venido analizando y tiene como objetivo “transparentar esa diferencia de precios” entre las categorías.

El indicador actual refleja números que son “muy abarcativos y de distintos negocios”; por tanto, “la idea del Instituto Nacional de Carnes es comenzar a calcular un número oficial del novillo de corral”.

Reilly explicó que se está trabajando para que este nuevo indicador se concrete en un futuro cercano. El mismo se informará de forma oficial periódicamente, que puede ser bimestral o trimestral. “El objetivo es que estén los dos indicadores”, afirmó.

También se está trabajando para construir un indicador similar en la categoría de vaquillonas.

Comunicado oficial de INAC. El incremento de la cantidad de ganado con destino a faena proveniente de corrales de engorde que se ha dado en los últimos años fue generando distorsión en el indicador “Precio de Novillo Gordo” que semanalmente publica INAC. Ante esta situación, la Junta de INAC resolvió generar un nuevo indicador llamado “Precio de Novillo Gordo de Campo” complementario al anterior.

El indicador se publicó por primera vez el 7/06/2017, con frecuencia semanal y al igual que otros precios de hacienda, incluyó una referencia a la proporción del volumen de faena en kg que corresponde a estos animales.

A partir del 26/07/2017 INAC comenzó a publicar un nuevo indicador “Precio de Vaquillona Gorda de Campo” y paralelamente, tanto para este nuevo indicador así como para el “Precio del Novillo Gordo de Campo” se decidió ampliar la serie de datos semanales, dejando disponible a los usuarios dichos valores desde el 1/01/2017.

Paralelamente, INAC está analizando la información sobre los animales que provienen de corral a los efectos de determinar qué indicadores y con qué frecuencia son útiles para las decisiones del sector. Sin embargo, se han observado inferencias sobre precios y proporciones de animales provenientes de corral a partir de la publicación del “Precio de Novillo Gordo de Campo” que no se corresponden con la precisión que caracteriza a los indicadores que publica el INAC. Por lo tanto, se decidió discontinuar la referencia a las proporciones.



INAC continuará con su política de aportar cada vez más información sobre el negocio cárnico, en el entendido que la misma contribuye a la mejor gestión de los negocios.

Incautan carne clandestina en varios comercios de Durazno

25/07/2017 - El producto no está apto para el consumo humano dado que no cumple las condiciones exigidas por las autoridades competentes.

Víctor D. Rodríguez – Durazno | Autoridades policiales y del Instituto Nacional de Carnes (INAC) incautaron en comercios de Durazno importantes volúmenes de carne clandestina vacuna y ovina. La misma no está apta para consumo humano dado que no cumple con las condiciones exigidas por las autoridades competentes en la materia, por lo que se garantiza de esa manera la salud del consumidor.

En el marco de diversas acciones, efectivos del Departamento de Seguridad Rural, INAC y efectivos policiales, realizaron inspecciones a comercios de nuestro medio y de una localidad del interior en represión del delito de faena y comercialización de carne clandestina, donde se constató la existencia de comerciantes que vendían carne clandestina en comercios que carecían de la habilitación correspondiente y de otros que poseían carne en condiciones no aptas para su consumo, informó la policía duraznense. En todos los casos se realizaron incautaciones, enterándose a la justicia competente.

“En estas acciones se busca siempre la integralidad de la acción, se procede y se colabora con socios estratégicos para poder posicionarnos de la mejor forma en la acción. Se destacan los lineamientos estratégicos del MGAP y de la Institucionalidad ampliada, que se asocian a esta acción departamental como lo son la Articulación Institucional, la construcción colectiva de Conciencia Agropecuaria, la Competitividad con la protección de las inversiones, la inocuidad alimentaria sanidad e higiene. Los vínculos interinstitucionales con INAC, Jefatura de Policía y el MGAP, son permanentes, tenemos constituida y operativa en el departamento de Durazno la Comisión Honoraria para la Seguridad Rural. Surgen en ese ámbito instancias de investigación de denuncias, que han sido trabajadas rápidamente por los funcionarios del INAC”, dijo a El País, el director departamental del MGAP Durazno, José Luis Queirolo.

Precisó que se dispone además de tecnología de punta como lo es la relacionada al estudio de ADN en la determinación y la vinculación del producto carne encontrada con las muestras extraídas en los lugares de infracción”.

PARAGUAY

Emiratos Árabes confirma a Paraguay para comprar carne

25 de Julio de 2017 La Cámara Paraguaya de la Carne informó que Emiratos Árabes Unidos abre su mercado para que nuestro país le provea carne bovina y avícola. El titular de este gremio, Juan Carlos Pettengill, dijo que oficialmente se abre este exigente mercado a la carne paraguaya.

Un nuevo e importante mercado se abre a la carne paraguaya. Se trata de Emiratos Árabes Unidos, informaron ayer la Cámara Paraguaya de la Carne y la Cancillería nacional / ABC Color

Recordó que en enero de este año, miembros del gremio habían acompañado al Presidente de la República, Horacio Cartes, a una visita a Emiratos Árabes.

“Hace seis meses, desde el 20 de enero, que estamos detrás de esta habilitación en conjunto con el Senacsa, el Ministerio de Industria y Comercio, y el embajador (paraguayo en Qatar, Ángel) Barchini”, indicó Pettengill.

Señaló que el país árabe tiene un bajo consumo per cápita de carne, pero que recibe una gran afluencia de turistas; por ese motivo, se considera un mercado premium para la carne.

El embajador paraguayo en Doha, Qatar, informó ayer al canciller paraguayo Eladio Loizaga, de esta habilitación y además, de todos los frigoríficos de nuestro país aprobados por la Unión Europea, que están reconocidos para exportar carne a Emiratos Árabes Unidos.

Pettengill recordó también que en febrero pasado el gobierno emiratí ya había aprobado los certificados sanitarios emitidos por el Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Animal (Senacsa).

Igualmente, aclaró que no hay cupos definidos, como tampoco precios, pero que se trata de un mercado que exige alta calidad, por lo que ofrecerán los cortes de carne más apreciados.

Certificación “Halal”

De acuerdo a informes del Ministerio de Relaciones Exteriores sobre este tema, la compañía brasileña “Fambras Halal Certificação Ltda., Brasil” se encuentra autorizada para emitir la Certificación Halal a productos paraguayos, ínterin concluya el proceso de acreditación del Centro Cultural Benéfico Islámico de Asunción, ante la Autoridad Emiratí de Estandarización y Metrología (ESMA).

Inician etapa de vacunación

25 de Julio de 2017 FUERTE OLIMPO, Dpto. de Alto Paraguay (Carlos Almirón, corresponsal). Desde ayer está en plena vigencia la medida sanitaria exigida por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal



(Senacsa) de vacunación contra la fiebre aftosa en su tercer periodo del presente año. A partir de ahora se exige además vacunar contra la brucelosis bovina. La principal actividad económica de esta región chaqueña constituye la ganadería, con un hato de 1.700.000 de cabezas vacunas.

La resolución expedida por Senacsa que exige ambas vacunaciones abarca desde el 24 de julio al 1 de septiembre, y hasta el 15 para culminación de registros. Lo relacionado a la vacunación contra la aftosa, según la Resolución N° 1044, corresponde al tercer periodo y afecta a hacienda en general. Mientras que la Resolución N° 1093, que exige vacunar contra la brucelosis, afecta solo a animales bovinos desmamantes hembras.

Erradicar brucelosis

Según Gustavo González, jefe regional de Senacsa por el distrito de Olimpo, esta nueva exigencia sanitaria de vacunar contra la brucelosis busca erradicar esta enfermedad, que ayudará a un mejor posicionamiento internacional de la carne bovina paraguaya. Senacsa busca que en el año 2020 nuestro país sea declarado libre de fiebre aftosa.

Ganadería afectada por heladas

26 de Julio de 2017 El titular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, dijo ayer que la ganadería también fue afectada por las heladas, ya que en varias zonas los pastos se secaron, y esperan el “reverdeo” después de una lluvia. “Fuertemente afectó, toda la pastura se quema y el animal queda prácticamente con el pasto seco”, explicó.

Señaló que tanto los grandes como los medianos y pequeños ganaderos se ven afectados por las heladas. “El pequeño productor es el que más pierde. Nosotros recuperamos cuando el pasto se vuelve verde. Cuando mejora el clima, viene una pequeña lluvia, moja el pasto y vuelve otra vez a verdear, y ahí recién el animal se vuelve a alimentar”, expresó.

Para esos casos, los ganaderos se preparan con antelación y hacen fardos con los que alimentan al ganado, de tal modo que el daño no sea mayor.

Preguntado si en la ARP tienen algún registro o cuantificación de las pérdidas que ocasionaron las heladas el sector pecuario, Villasanti dijo que no disponen de información cierta, pero que siguen recibiendo informes. “Todavía no tenemos una cifra en guaraníes. Lo que sí tenemos es que, a raíz de la inundación y también de la última helada, en Ñeembucú tuvimos una pérdida enorme, no solamente de animales vivos, sino también por abortos por el frío y por la inundación. Pero de la helada todavía no tenemos reportes ciertos”, puntualizó.

UNIÓN EUROPEA

CETA beneficiará a exportadores canadienses de carne bovina

TheCattleSite News Desk 27 July 2017 CANADA & EU - The Canadian Meat Council says, despite unresolved technical issues that could delay full access for Canadian beef and pork to Europe, the implementation of CETA offers tremendous potential for Canada's red meat sector, Bruce Cochrane reports.

21 September has been set as the implementation date for the Comprehensive Economic and Trade Agreement involving Canada and the European Union.

Ron Davidson, the Director of International Trade, Government and Media Relations with Canadian Meat Council, says two key technical barriers, health mark labelling and antimicrobial intervention, will delay commercially viable access to Europe for Canadian beef and pork but overall the agreement is good news for Canada's red meat exporters.

Ron Davidson-Canadian Meat Council

When the CETA was being negotiated we estimated that the European Union could be a market valued at up to one billion.

That's not a prediction that our exports would reach a billion but, if we were able to fill the quotas with high value cuts, which is our expectation, and if the market conditions were right vis a vis currency exchange rates and world market conditions we estimated up to a billion dollars could be opened up to the Canadian meat industry.

When we entered the negotiations we were hoping for tariff free, quota free, tariff barrier free trade in meat products.

The CETA didn't achieve that but we certainly hope, within the not too distant future, to be able to take advantage of the potential opportunities that CETA does contain.

Davidson is confident there is potential to resolve the health mark labelling issue prior to the 21 September implementation date but he anticipates the antimicrobial intervention issue will take additional time to resolve.



ESTADOS UNIDOS

EEUU alcanzó su mayor stock ganadero desde 2011

27 de julio de Superó las 100 millones de cabezas por primera vez en seis años

EEUU alcanzó su mayor stock de ganado desde el 2011. Al 1 de julio totalizó 102,6 millones de cabezas, siendo la primera vez en seis años que el stock total supera los 100 millones de animales, según datos del Departamento de Agricultura de EEUU (USDA), publicados en su reporte Cattle on feed.

Es el tercer año consecutivo en que se registran aumentos en la producción estimada de terneros destetados. Según estimó el organismo alcanzan 36,3 millones de cabezas, 3,5% más que un año atrás. El aumento de terneros apunta a un mayor volumen de ganado destinado a faena en 2018 y 2019.

El stock de vacas carniceras alcanzó 32,5 millones de cabezas, el mayor volumen registrado para julio desde 2008. Sin embargo, las vaquillonas de reposición disminuyeron 2% respecto a 2015.

Faena en junio fue la más alta desde octubre de 2013

La última vez que la faena mensual superó los 2,8 millones de animales fue en octubre de 2013. En junio totalizó 2,858 millones de cabezas, un crecimiento de 5,6% respecto a igual mes del año pasado.

El envío de vientres a plantas de faena aumentó en relación al envío de machos, sugiriendo que la expansión se ha visto enlentecida.

US herd expansion continues

27 July 2017 The USDA released the July 1 cattle herd* estimate last week and it continued to reflect an industry in growth phase.

As of mid-2017, the US cattle herd was estimated at 102.6 million head, up 7% (or almost 7 million head) from where it bottomed out in 2014. The growth has been underpinned by an expansion of the beef cow herd, up 9% over the same period, and subsequent growth in the calf crop.

In fact, growth was above market expectations and CME feeder futures (contracts for the second half of 2017) dropped about 10US¢/lb over the past week.

Peaks and troughs are in-built in the US cattle herd and have been the norm over the past century. The cycle typically lasts ten to twelve years (from peak-to-peak or trough-to-trough) however the last two have been far more subdued, a stark contrast to the volatility of the 1970s and '80s.

If history was to repeat itself, the US herd could have a couple of years of growth left before it, again, begins to recede. However, long term projections, released in February by the USDA Chief Economist, forecast steady long term herd growth out to 2026.

In the meantime, US beef production continues to grow and challenge Australia's share in key export markets, particularly in north Asia. Australian production is also forecast to grow in the back-half of 2017 and, then, continue to expand over the next four years.

*the July herd estimate is typically larger than the January figure due to seasonal growth throughout the year

EEUU alcanzó el mayor volumen de ganado encerrado de la última década

El volumen de ganado encerrado en julio aumentó 16% respecto a junio, alcanzando el mayor número de animales en feedlot en más de una década, informó el USDA.

Los animales encerrados sumaron 1.770 millones de cabezas, 16% por encima de las 1.525 millones de un año atrás y la mayor cantidad desde el año 2006, cuando ingresaron 1.950 millones.

“El agravamiento de la sequía y la rentabilidad del feedlot resultaron en más ganado extraído del pastoreo y colocado en corrales”, dijo a la agencia de noticias Reuters Jim Robb, director de de la organización estadounidense Livestock Marketing Information Center.

Destacó que los corrales obtuvieron en promedio una ganancia de US\$210 por cabeza frente a una pérdida de US\$ 80 por cabeza de un año atrás.

El aumento en el stock de terneros en EEUU se traducirá en una mayor faena en 2018-2019 y esa mayor producción de carne podría aumentar la competencia para Uruguay en países en los que compiten.

Uruguay exportó a Estados Unidos 34.551 toneladas de carne en el primer semestre de 2017.

Más animales dentro y fuera de los feed lots

By Derrell S. Peel, Oklahoma State University Extension July 25, 2017 Feedlots surprised the industry with sharply higher than expected June placements. Placements were up 16 percent, fully 10 percent higher than expected. This pushed feedlot inventories for July 1 up 4.5 percent from last year despite continued strong June marketings. Feeder cattle demand has been extremely strong based on very good feedlot profitability recently. Placements were up across all regions suggesting that placements were driven by industry-wide factors rather than regional factors. However, the Northern Plains drought likely contributed



a bit to larger placements, especially the strong placements in South Dakota, up 67 percent year over year. In total, I don't believe that drought was the major reason for the large June placements.

Feedlot demand has dipped deeper into feeder supplies and feedlots have placed more lightweight cattle, beginning in May and especially in June where most of the increase in placements was in lightweight feeder cattle. This includes, for example, a 29.3 percent year over year increase in placements under 600 pounds. Placements over 800 pounds were up only 1.5 percent in June.

This is important when anticipating the impacts of larger placements the past four months. The lightweight placements in May and June will not be on top of earlier heavy placements. Moreover, placements have clearly pulled cattle ahead, meaning that more cattle placed now imply fewer relative placements later. However, overall feeder supplies are larger and will continue to grow into 2018.

The July Cattle report indicates a 2017 calf crop of 36.3 million head, up 3.5 percent from 2016. The estimated July 1 feeder supply outside feedlots is 37.0 million head. No comparison to last year is possible as the report was canceled in 2016 (and 2013 as well). The July 1 beef cow herd was 32.5 million head. When compared to the January beef cow inventory, this inventory level suggests that herd expansion is continuing in 2017. The ratio of the July beef cow inventory to the January level is the highest since 1993, during the last herd expansion. The total inventory of all cattle and calves for July 1 is estimated at 102.6 million head.

At the same time, herd expansion may be slowing down in 2017. The ratio of July beef replacement heifers to the January estimate is the lowest in the data series (though 2013 and 2016 are missing), perhaps suggesting that heifer retention is slowing. The quarterly estimate of heifers on feed was up nearly 11 percent from last year, adding additional support to the idea that fewer heifers are being retained as replacements. Heifer slaughter so far in 2017 is up nearly 11 percent and is likely to remain elevated for the balance of the year.

Taken together, this new data suggests that herd expansion is continuing in 2017, probably more modestly than the previous two years. Heifer retention appears to be slowing further and may suggest little or no herd growth in 2018. A bigger 2017 calf crop implies larger feeder supplies into 2018 and increased beef production into 2019 at least.

NAFTA: su importancia para el sector de las carnes bovinas

By Katelyn McCulloch, Economist, and Veronica Nigh, Economist, American Farm Bureau Federation July 24, 2017 Cattle trade flows play an important role across the U.S. well beyond trade deficits and surpluses, or volumes. They provide numbers to keep feedlots full and packing plants running efficiently. They provide flexibility to adjust to market conditions along the supply chain in all three countries. In turn, these cattle become beef, and free trade agreements allow for our processing sector to ship different cuts to those countries that desire them the most. The U.S. would be hard pressed to consume domestically the variety meats from its own cattle supply; these by-products would otherwise be considered waste without access to other markets that preferred these meats. Ultimately, these relationships have increased the value of the carcass in the U.S., finding consumers that value each of these cuts. This week's NAFTA article takes a deep dive into the details of cattle and beef trade between the U.S., Canada, and Mexico.

North American Cattle Flow

The North American Free Trade Agreement has mutually benefitted the Mexico, Canada and U.S cattle industries by allowing competitive advantage and economics to drive trade flows among the three countries. The U.S. cattle herd totaled 94 million head at the beginning of 2017, compared to Canada's 12 million and Mexico's 17 million. Extracting the dairy cows from this number yields beef herds approximating 80 million, 10 million and 7 million for the U.S., Canada and Mexico, respectively. The sheer size of the U.S. cattle industry gives it significant advantages in economies of scale and infrastructure. Another large difference is that cattle are raised in all 50 states in the U.S., with regional differences in production systems and local challenges. In Canada, Alberta leads the nation in beef production, home to almost 60 percent of feeder cattle. Comparatively, Texas has the largest beef cattle inventory in the U.S., at 12.6 million head, but only represents about 15 percent of the U.S. total.

Live Cattle Trade Matters Regionally

The U.S. trades significantly more live cattle with Mexico than with Canada. However, it is still a relatively small proportion compared to the national herd. Mexico primarily ships feeder animals to the southern plains where they enter into feeding programs dependent on the marketing environment, feed price and grass conditions. This could mean they are placed directly into feedlots or placed on grass. The U.S. primarily ships breeding stock south of the border. To put the volume in perspective, so far this year, beef cattle imports from Mexico have averaged 23 thousand head a week. Total U.S. beef cattle exports to Mexico over the last five years have been under 15 thousand head. Still, the number of Mexican cattle coming across the border is still small relative to the size of the U.S. herd. In 2016, the U.S. imported just under 1 million head from Mexico, representing less than 7 percent of the cattle on feed as of Jan. 1, 2017.



Cattle coming down from Canada, on the other hand, tend to be slaughter-ready, either finished-fed cattle, slaughter cows or slaughter bulls. These three groups account for more than 50 percent of the cattle imports on a weekly basis and can be as high as 98 percent of the cattle imported in a given week. Feeder cattle imports this year have averaged about 3 thousand head a week. U.S. exports of live beef cattle to Canada have historically been rather flexible, ranging from feeders, fed or breeding cattle, depending on marketing and competitiveness factors in cattle feeding and packing sectors.

More than half the packing plants in Canada are in Ontario and Quebec, placing the largest feeding province (Alberta) more than 1 thousand miles from those plants. Alberta is home to five of the larger federally inspected plants, and historically the U.S. has played a role in slaughtering fed cattle raised in Canada.

However, that could be changing. The Canadian cattle herd has shrunk significantly in recent years and is not expected to regain numbers, which could change the live cattle trade flows between the U.S. and Canada. Packing plants in Canada will need both volume and profits to stay in business. A smaller cow herd could lead to closures of slaughter facilities, resulting in more cattle shipped to the U.S. Under another possible scenario, packing capacity in Canada could reach an optimal level, prompting Canada to send fewer slaughter animals to the U.S.

Beef

On the meat side, trading between NAFTA countries is more balanced. The U.S. is a net exporter in beef products, shipping most variety meats and frozen bone-in products overseas. In 2016, Mexico's beef trade balance with the U.S. was almost even. Mexico tends to buy a lot of variety meats from the U.S. and ships both fresh and frozen muscle cuts to the U.S.

In contrast, Canada in 2016 shipped 173 thousand metric tons more product to the U.S. than the U.S. shipped to Canada. The largest category was boneless processed beef, or hamburger, accounting for 145 thousand metric tons of the trade deficit.

Still, Mexico and Canada consistently rank in the top five export destinations in terms of value for U.S. fresh and chilled beef products and in the top 10 for U.S. frozen products. In terms of volume, Mexico and Canada are a top 10 destination for frozen product and in the top five for fresh and chilled product. The U.S. shipped \$1.3 billion of \$5.2 billion in fresh and frozen beef products (excluding variety meats) to NAFTA countries in 2016. The U.S. imported \$2.1 billion in fresh/frozen beef products from NAFTA countries, more than 40 percent of total fresh and frozen beef products. Imported variety meat values totaled \$245 million dollars in 2016, with over 50 percent coming from Mexico and Canada. Exports totaled \$756 million, with 23 percent heading to Mexico or Canada. On a dollar basis, the U.S. imported \$752 million more in beef products than it exported among NAFTA countries, but U.S. total beef trade is still a net exporter worldwide, generating over \$1 billion in trade surplus in variety meats, fresh, frozen and chilled bone-in and boneless beef.

The United States is by far the dominant supplier of fresh beef to Canada. In 2016, the U.S. had a 94 percent market share by volume of the imported fresh beef market. The U.S. has a smaller share of the imported frozen beef market, with 10 percent market share by volume. By value, Canada is the world's 11th largest fresh beef importer and the 12th largest frozen beef market.

The United States is by far the dominant supplier of beef to Mexico. In 2016, the U.S. had an 83 percent market share by volume of the imported fresh beef market. The U.S. had an 87 percent market share by volume of the imported frozen beef market. By value, Mexico is the world's ninth largest fresh beef importer and the 30th largest frozen beef market.

It's important to note two details. It's not just the size of the cattle herds between the countries but also the population and the amount of beef consumed that affect these trade flows. The U.S. population is more than double the size of Mexico's and almost 10 times the size of Canada's. Table 3 shows populations estimated in 2016 from the World Bank and estimated beef consumption from USDA Foreign Agricultural Service Production, Supply and Disposition database. Canadians consume beef in largely the same way U.S. consumers do with a heavy focus on higher-end meat products. Mexico in contrast consumes less beef overall and consumes more variety meats. Some of this difference can be explained by income differences between the three countries.

Impacto de las exportaciones sobre la producción estadounidense

By Donald Stotts Oklahoma State University Extension July 27, 2017 There is an old and very true adage about beef trade: What goes on over there has an effect on what goes on over here.

"There is a growing recognition that international beef trade will play an increasingly important role in the U.S. beef industry in the coming years, but within the dynamics of global beef trade it is important to understand changes and trends in U.S. beef trade," said Derrell Peel, Oklahoma State University Cooperative extension livestock marketing specialist.

The quantity of U.S. beef imports and exports has varied considerably over time and so has the shares of trade among major countries that trade beef with the United States. Some changes are related to specific



events, such as the occurrence of Bovine Spongiform Encephalopathy or BSE in 2003, political changes or the effects of currency exchange rates.

However, Peel explains, some changes are just evolution of markets over time caused by changes in production or demand in the United States and other countries.

The latest monthly trade data shows total beef imports in May were down 1.7 percent. For the year to date, January through May, total beef imports are down 9 percent year over year. This follows a 10.5 year-over-year decrease in U.S. beef imports in 2016.

“Australia, historically the top source of U.S. beef imports, is currently the third largest source, down 24 percent in May and down 34 percent year over year thus far in 2017,” Peel said. “Australia has accounted for about 29 percent of U.S. beef imports over the past decade but only represents about 21 percent so far this year. Australia will likely rebuild some market share in the coming years with herd rebuilding following its drought-forced herd liquidation in 2014 and 2015.”

Imports of beef from New Zealand were down 14.5 percent year over year in May and are down 19.6 percent – totaling about 22 percent of beef imports – thus far in 2017. New Zealand has consistently averaged about 20 percent of U.S. beef imports over the past decade.

Given the year-over-year decline in imports from Australia and New Zealand, Canada is currently the largest source of U.S. beef imports. May beef imports from Canada were up 3.4 percent year over year but year-to-date imports from Canada are down 3.6 percent from last year. Canada accounts for about 23 percent of beef imports in 2017.

“Canada has varied as the number one, two or three source of U.S. beef imports during the last 10 years,” Peel said. “Still, Canada’s share of U.S. beef imports appears to have trended down over time with the current share considerably lower than the 27 percent average over the past decade.”

The clearest and most pronounced trend in U.S. beef imports in the growing role of Mexico as a source of beef imports. In May, beef imports from Mexico were up 27.4 percent year over year and are up 29.7 percent for the year to date.

“Mexico, which accounted for less than 2 percent of beef imports a decade ago, accounted for more than 16 percent of U.S. beef imports in 2016 and represents 20 percent of beef imports so far in 2017,” Peel said.

Imports of beef from Brazil in May have increased 50.3 percent year over year and are up 34.2 percent for the year to date. However, the reinstated ban on fresh beef from Brazil in June may slow imports once again, at least temporarily. Brazil has been a distant fifth-place source of U.S. beef imports over the past decade, averaging about 5 percent of the U.S. beef import total. Brazil accounted for 5.1 percent of beef imports in 2016 and 5.3 percent so far in 2017.

The U.S. beef export picture

It is a straightforward truth: U.S. beef exports have varied in the quantity of exports and the mix of countries receiving U.S. beef over many years. The latest trade data for May shows total beef exports up 6.8 percent compared to one year ago with January through May total beef exports up 17.1 percent for the year to date.

“May beef exports were down to Canada, Mexico and South Korea while exports were strongly higher year over year to Japan and Hong Kong,” Peel said.

Year-to-date beef exports are up year over year to all major U.S. beef export destinations. This follows annual growth of 12.6 percent in total beef exports in 2016, which included increased year-over-year exports to Japan, South Korea and Mexico along with Taiwan and Vietnam. Exports to Canada and Hong Kong decreased year over year in 2016.

“Continued growth in beef exports to Japan has helped the country to once again be the largest U.S. beef export market since 2013,” Peel said. “Prior to the first U.S. case of BSE in 2003, Japan routinely represented a third to nearly half of total U.S. beef exports.”

2016 beef exports to Japan were 29 percent less than the 2003 total. Peel said total U.S. beef exports recovered and surpassed the 2003 export total in 2011 because of the increasing role of other markets post-BSE along with regrowth in Japan.

South Korea is currently the second-largest U.S. beef export market, a position it held prior to the BSE problems in 2003. Like Japan, South Korea was largely out of the U.S. market post-BSE and recovered second-place status only as recently as 2016. South Korea has shown robust growth the past couple of years and was the only major beef export market to increase in 2015, during the record high U.S. prices.

“Mexico was the only major market to remain largely open after BSE and as a result has had the largest average beef export share over the past decade,” Peel said. “However, beef exports to Mexico have generally decreased after peaking in 2008.”

Data indicates Mexico’s share of beef exports is less than 15 percent thus far in 2017 but total exports are still up 6.8 percent year over year following a nearly 9 percent annual increase in 2016.

“Part of the reason is beef trade with Mexico has become much more integrated and product specific in recent years with growth in beef imports from Mexico,” Peel said.



Canada is currently the fourth-largest beef export market with a 2017 year-to-date share of nearly 12 percent. Canada's share of total U.S. beef exports has generally declined in recent years though, like Mexico, Canada has had a larger share in the post-BSE world. Beef exports to Canada in 2016 exceeded the level prior to BSE in 2003.

The biggest change in U.S. beef export markets in recent years has been the emergence of Hong Kong as a major player. Hong Kong has a current year-to-date market share nearly equal to Canada. Still, total exports to Hong Kong declined the past two years after peaking in 2014.

Peel suggests expected growth in beef exports to China may be partially offset by decreased exports to Hong Kong as the territory is a known point of transshipment of beef into China.

"U.S. beef exports have become somewhat more diverse over time with additional markets and more balance across those markets," Peel said. "At times in recent years, Taiwan and Vietnam have had larger shares of beef exports. The impact of this growing list of markets not only affects the total quantity of exports but the types and values of products exported."

In general, Asian markets for U.S. beef have increased in relative share and importance while the North American markets have declined slightly. China adds potential for the role of Asian markets to increase even more in coming years.

Caso de BSE atípico: TAIWAN no altera medidas – COREA DEL SUR incrementa inspecciones

24 July 2017 - Health Minister Chen Shih-chung said on Friday that the current policy on beef imports from the United States will remain in place, despite confirmation of a fifth case of mad cow disease earlier last week.

The Food and Drug Administration (FDA) under the Ministry of Health and Welfare convened a meeting of experts earlier in the day which concluded no policy adjustment is necessary, Minister Chen said.

"The experts evaluated the facts and concluded that the case should have no impact on Taiwan," Minister Chen said.

He explained that the experts had confirmed in the meeting that none of the 64 slaughterhouses that provide Taiwan with US beef products are in Alabama.

In addition, the infected cow was 11 years old, while Taiwan's beef imports from the US are limited to boneless and bone-in beef and specified meat products from cattle under 30 months, Minister Chen said.

Lastly, the cow was infected with the atypical type of mad cow disease, which is less serious than the typical strain, he added.

According to the US Department of Agriculture, the cow in Alabama tested positive for the atypical strain of bovine spongiform encephalopathy (BSE), also known as mad cow disease.

"This animal never entered slaughter channels and at no time presented a risk to the food supply, or to human health in the United States," the USDA said.

It was the fifth case of mad cow disease in the US this year, the USDA said, adding that of the four previous cases, the first was a case of classical BSE imported from Canada, while the others were atypical (H- or L-type) BSE.

Minister Chen said Taiwan will send personnel to the US on 24 July to gain a better understanding of the situation.

The opposition Kuomintang and People First Party lawmakers have urged the government to ban US beef imports in the wake of the latest mad cow disease case.

TheCattleSite News Desk

24 July 2017 - The government said Thursday it has strengthened inspections on US beef imports following the detection of mad cow disease in the United States.

According to The Korea Times, the Ministry of Agriculture, Food and Rural Affairs held a quarantine committee meeting to share information on the outbreak of mad cow disease in the US and gather expert opinion. The ministry has boosted quarantine measures, increasing the ratio of the US beef going through inspections to 30 percent from the current 3 percent.

The step follows the US Department of Agriculture (USDA) announcing that an 11-year-old cow in Alabama was found to have an "atypical" variety of bovine spongiform encephalopathy (BSE), commonly known as mad cow disease.

The USDA said that it is not the classic variety that is linked to Creutzfeldt Jakob disease in people. Cattle are known to be infected with "typical" BSE through feed contaminated with infectious prion agents, such as meat-and-bone meal containing protein derived from rendered infected cattle.

Atypical BSE, meanwhile, generally occurs in older cattle, usually over eight years old, and is known to arise rarely and spontaneously in all cattle populations.

The USDA emphasized that atypical BSE cases do not impact official BSE risk status recognition.

"Therefore, this finding of an atypical case will not change the negligible risk status of the United States, and should not lead to any trade issues," it noted, making clear that it has no plan to stop beef exports.



Korea, however, has experienced trauma over mad cow disease. Back in 2008, former President Lee Myung-bak decided to import US beef after meeting with then US President George W. Bush, despite public concern over mad cow disease. It led to severe protests by consumers who held candlelit rallies that shook the new administration at the time.

The last time atypical BSE was detected in the United States was April 2012. There was a demand from consumer groups for the government to stop imports, but it just strengthened quarantine measures, pulling up the ratio of beef inspections to 50 per cent from 3 per cent.

Call for an import ban

Lawyers for a Democratic Society, an NGO, claimed that the government should stop US beef imports "to protect the people's health." Korea can suspend imports under US beef "import requirements" which the two countries agreed upon if it is necessary for public health and safety.

Experts generally agree that chances are slim for the beef of infected cattle to enter Korea. The country imports beef from young cattle aged up to 30 months, which are less likely to be infected with BSE. Specified risk materials, which include skulls, brains, spinal cords, tonsils and parts of the small intestine, are removed from the cattle as well.

The Korean Federation of Medical Activist Groups for Health Rights, however, said that the atypical type is as risky as classic BSE, demanding an immediate suspension until imports are proven to be safe.

Korea is the fourth largest importer of US beef, and is a market bigger than Japan for the US cattle farmers. It imported 156,000 tons of beef from America last year, up 46.5 per cent from the previous year.

TheCattleSite News Desk

JAPÓN aplicó cláusula de salvaguardia e incrementó arancel para carnes congeladas procedentes de EE.UU.

By Sara Brown, Livestock Digital Producer July 28, 2017 Japanese officials confirm rising imports of frozen beef in the first quarter of the Japanese fiscal year (April-June) have triggered a safeguard, resulting in an automatic increase to Japan's tariff rate under the WTO on imports of frozen beef from the U.S. The increase, from 38.5% to 50%, will begin Aug.1, 2017 and last through March 31, 2018. The tariff would affect only exporters from countries, including the U.S., which do not have free trade agreements with Japan currently in force.

U.S. Secretary of Agriculture Sonny Perdue says he's concerned this increase in Japan's tariffs will affect U.S. beef sales with the country. "This would harm our important bilateral trade relationship with Japan on agricultural products. It would also negatively affect Japanese consumers by raising prices and limiting their access to high-quality U.S. frozen beef," Perdue says.

"I have asked representatives of the Japanese government directly and clearly to make every effort to address these strong concerns, and the harm that could result to both American producers and Japanese consumers," he adds.

The increase will also have a significant impact on the Japanese foodservice industry," explained Philip Seng, U.S. Meat Export Federation (USMEF) President and CEO.

"It will be especially difficult for the gyudon beef bowl restaurants that rely heavily on Choice U.S. short plate as a primary ingredient. This sector endured a tremendous setback when U.S. beef was absent from the Japanese market due to BSE, and was finally enjoying robust growth due to greater availability of U.S. beef and strong consumer demand. USMEF will work with its partners in Japan to mitigate the impact of the safeguard as much as possible. We will also continue to pursue all opportunities to address the safeguard situation by encouraging the U.S. and Japanese governments to reach a mutually beneficial resolution to this issue," Seng says.

Earlier this month, Creekstone Farms, the Arkansas City, Kan.-based packing company with \$550 million in sales last year, was sold to Japanese trading house Marubeni. Many industry leaders believed Japan was looking to target the Chinese beef market. Creekstone, the 12th largest U.S. packing firm, was owned by private-equity firm Sun Capital Partners. A Japanese news source reported the deal to be worth \$170 million.

National Cattlemen's Beef Association (NCBA) President Craig Uden says, "We're very disappointed to learn that the tariff on frozen beef imports to Japan will increase from 38.5% to 50% until April 2018. Japan is the top export market for U.S. beef in both volume and value, and anything that restricts our sales to Japan will have a negative impact on America's ranching families and our Japanese consumers."

"NCBA opposes artificial barriers like these because they unfairly distort the market and punish both producers and consumers. Nobody wins in this situation. Our producers lose access, and beef becomes a lot more expensive for Japanese consumers. We hope the Trump Administration and Congress realize that this unfortunate development underscores the urgent need for a bilateral trade agreement with Japan absent the Trans-Pacific Partnership," he adds.

Japan was the top export market for U.S. beef, valued at \$1.5 billion in 2016. According to data compiled by the U.S. Meat Export Federation, first quarter U.S. beef sales to Japan increased 42 percent over 2016.



In addition to the United States, the 50 percent safeguard tariff also applies to imports from Canada, New Zealand, and other countries that do not have a free trade agreement with Japan.

VARIOS

COLOMBIA - Aftosa: virus colombiano es cepa de origen andino

24/07/2017 - Cosalfa recibió informe técnico y se mantiene muy alerta. Los cinco focos de fiebre aftosa detectados en Colombia hasta el momento y la necesidad de avanzar para concretar la creación de un Banco Regional de Antígenos/vacunas contra fiebre aftosa, conteniendo cepas virales exóticas para la región, buscando atender cualquier problema, fueron temas claves en la 6ª. Reunión Extraordinaria de la Comisión Sudamericana de Fiebre Aftosa (Cosalfa).

La citada comisión está compuesta por 26 representantes de 13 países de América, con un delegado del sector público que es el director de los servicios veterinarios oficiales —en este caso Dr. Eduardo Barre— y otro del sector privado (participa el Dr. Leopoldo Amorin). Participan Argentina, Brasil, Chile, Bolivia, Colombia, Ecuador, Guyana, Panamá, Paraguay, Perú, Surinam, Venezuela y Uruguay.

Toda Sudamérica está alerta ante los casos de aftosa en Colombia y en particular el sector privado, que es la primera barrera contra la enfermedad al convivir con los animales.

Representantes del Instituto Colombiano Agropecuario (ICA) dieron un informe en la 6ª. Reunión Extraordinaria de la Cosalfa, confirmando otro foco que se suma a los cuatro ya existentes. El primero fue en Tame, luego fueron reportados los de Yacopí, Cundinamarca, San Faustino con corregimiento de Cúcuta en zona fronteriza. A eso se sumó el del Tibacuy, también en Cundinamarca; sin contar con una situación por confirmar en el Frigomatadero La Primavera, en La Dorada (Caldas), declarado en cuarentena por el ICA, sobre la cual no se conoce información definitiva.

El director general de los Servicios Ganaderos (MGAP), Dr. Eduardo Barre, representante de Uruguay en la Cosalfa, confirmó ayer a El País que la cepa viral que está actuando en Colombia “es de tipo O pero andino” y “nada tiene que ver con las cepas de tipo O campo” que afectaron los países del Mercosur en la década del 2.000.

Barre recordó que los países que conforman el Comité Veterinario Permanente (CVP), conjuntamente con el Centro Panamericano de Fiebre Aftosa (Panaftosa) ofrecieron apoyo técnico a Colombia y Venezuela para combatir la enfermedad. “Estuvo el Panaftosa en las zonas afectadas de Colombia y ahora, conjuntamente con la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), harán un informe”, explicó Barre.

En el caso de Uruguay no se agregaron medidas adicionales de prevención, pues no hay comercio de productos de riesgo, ni animales con Colombia y Venezuela. “Se mantienen las desinfecciones en los aeropuertos para vuelos y conexiones procedentes de esos países”, explicó el director de los Servicios Ganaderos.

En cuanto a la creación del banco de vacunas/antígenos, hay temas legales que resolver entre Panaftosa y la Organización Panamericana de la Salud (OPS), por lo que quedó para ser analizado en 60 días más. “Luego cada país tendrá que decidir si ingresa o no”, porque el ingreso “tendrá su costo”, explicó Barre, afirmando que en caso de Uruguay “aún no hay una definición tomada”. La ley de fiebre aftosa prohíbe en Uruguay el manejo de virus vivo y la fabricación de vacunas, por lo que se depende de la importación.

“La presencia de virus de aftosa en la región y estas situaciones complican mucho. Los focos en Colombia complican a toda la región y al mercado de la carne”, afirmó a El País el delegado de Uruguay en la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) por el sector privado, Dr. Jorge Bonino Morlán.

El sector privado “trabaja muy integrado con los servicios veterinarios oficiales y tiene una postura muy clara respecto a fiebre aftosa que es compartida por los servicios oficiales. Hay que seguir manteniendo la vacunación y no desgastarse en discutir si se continúa vacunando el rodeo o si se suprime y se apunta a ser libre sin vacuna”, afirmó Bonino.

Es que Brasil confirmó que dejará la vacunación en varios Estados y apunta a ser país libre de la enfermedad pero sin vacuna, mientras que el resto de los países de la región, consideran que no están dadas las condiciones para no vacunar.

INDIA – Gobierno central intenta apelar la medida de la Corte Suprema

25 July 2017 - The Centre on Monday asked the Supreme Court for more time to report back on the progress in modifying the controversial cattle slaughter ban rules. "Everything in totality is being considered," it said.

The rules ban the sale of cattle for slaughter in livestock markets.

Hearing a bunch of petitions challenging the rules on 11 July, a Bench led by Chief Justice of India J.S. Khehar had recorded a submission made by the Centre that a Madras HC's stay on the implementation of the rules was applicable across the country, according to The Hindu.

Order challenged



But the 11 July order itself had subsequently come under challenge. Animal rights activist Gauri Maulekhi filed an application asking the SC to clarify its order.

Ms Maulekhi contended that the High Court had only stayed a provision of the Prevention of Cruelty to Animals (Regulation of Livestock Markets) Rules, 2017, regarding slaughter and not the entire gamut of rules and its twin — The Prevention of Cruelty to Animals (Maintenance of Case Property Animals) Act, 2017.

However, the Centre had intervened with assurances that the Environment Ministry was having a re-look at the rules and “nothing would happen” in the meantime.

Additional Solicitor General P.S. Narasimha said the Centre would revisit the rules in the light of the public furore it had caused and fresh rules may be notified possibly in August 2017.

The court scheduled the hearing on 4 August.

TheCattleSite News Desk

CHINA suspendió temporalmente exportaciones de carne de seis industrias australianas

27 de julio de 2017 La prohibición se dio a conocer este martes por el Gobierno chino y está relacionada con el incumplimiento de etiquetado en algunos lotes.

Las industrias afectadas están en Queensland y New South Wales, e incluyen dos instalaciones de propiedad de JBS.

Según el Ministro de Comercio de Australia las cantidades involucradas en el conflicto son significativas, y “no hay ninguna sugerencia de que esté involucrada la inocuidad de los alimentos, tenemos la intención de trabajar de manera constructiva para resolver este problema lo antes posible”, dijo al sitio web ABC.

Actualmente hay lotes que van en viaje, por lo que el gobierno australiano espera poder resolver el problema antes de que los buques lleguen a China.

Las exportaciones de carne australianas a China representaron más de US\$ 600 millones el año pasado. Después de trece años se reabrió el mercado chino para Estados Unidos por lo que los exportadores australianos se enfrentan a un nuevo competidor en la colocación del producto.

EMPRESARIAS

Marubeni adquirió Creekstone Farms en US\$ 170 millones

24 July 2017 - Marubeni has added a US beef processor to its portfolio, anticipating greater exports to China after Beijing lifted a long-standing ban on meat from American cattle in June.

The Japanese trading house on Tuesday acquired all of Kansas-based Creekstone Farms, a distributor of premium beef, in a deal worth about \$170 million, including liabilities, Nikkei Asian Review reports. With the resumption of American beef exports to China, Marubeni expects the country's appetite for the meat to grow as its middle class expands.

Creekstone, which recorded \$550 million in sales last year, processes beef for sale to supermarkets and restaurants. It is the 12th biggest US beef producer by volume and among the top processors of premium beef. In 2016, Creekstone processed about 250,000 head of cattle, with about 80 per cent of the beef going to US consumers and the rest shipped to Europe, Japan and other countries.

The US company got its license to export to China soon after the beef ban was lifted last month. Marubeni will aim for sales of \$620 million at Creekstone in 2020 by increasing exports to China and other emerging markets.

Marubeni has been exporting American beef to Japan for over 40 years. In 1988, it purchased Australian feedlot operator Rangers Valley, which currently ships 40,000 head of cattle annually and sells beef in Australia, Japan, China, South Korea, Europe and the Middle East. Marubeni will use these sales channels to expand Creekstone's exports.

Worldwide beef consumption reached 68.3 million tons in 2016 and is projected to increase by over 10 per cent to 76 million tons this year, thanks partly to population growth in emerging markets, according to the Organization for Economic Cooperation and Development and other sources.

China's decision to lift the beef ban, which had been in place since 2003 following US outbreak of mad cow disease, came on the heels of an agreement in May with the administration of President Donald Trump on a 100-day plan to correct trade imbalances. Marubeni sees changes in trade policy among major economies as business opportunities.

Fellow trading house Itochu invested in Canadian pork producer HyLife Group Holdings in 2013, and now imports its meat to Japan. If the Trans-Pacific Partnership enters into force and import tariffs fall, that may provide a tailwind for sales of pork from Canada.

TheCattleSite News Desk



JBS cierra acuerdo bancario y congela su deuda por doce meses

26/07/17 - por Equipe BeefPoint A JBS, principal empresa da J&F Investimentos, finalizou com seus principais credores, instituições financeiras locais e estrangeiras, um acordo que garante o congelamento do pagamento das dívidas por um prazo de 12 meses. Segundo a companhia, esses “acordos de preservação de linhas de crédito” somam R\$ 20,5 bilhões e equivalem a 93% de total a dívida contraída pela JBS Brasil no país e no exterior.

Segundo a companhia, esse acordo irá garantir liquidez à empresa, que está sob pressão desde a delação premiada de seus executivos, divulgada em meados de maio.

Essa dívida de R\$ 20,5 bilhões passará por 12 meses de “estabilização”. Nesse período, a JBS pagará apenas os juros dos contratos originais mais quatro parcelas equivalentes a 2,5% do montante principal da dívida. Os pagamentos serão feitos agora, em 90, 180 e 270 dias.

A companhia ainda compromete-se a utilizar 80% dos recursos líquidos das vendas de ativos na amortização extraordinária dessas dívidas, com exceção da operação da JBS Mercosul, que foi vendida por US\$ 300 milhões (cerca de R\$ 1 bilhão), feita em junho.

O comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) não cita quais os bancos que fazem parte desse acordo que totaliza R\$ 20,5 bilhões, mas os principais credores da JBS são Banco do Brasil, Bradesco, Caixa, Citi, HSBC e Santander.

Em um acordo à parte, a empresa ainda fez uma renegociação de R\$ 1,2 bilhão com o Itaú Unibanco. Um parcela de 40% do total será paga de acordo com os empréstimos originais. A outra parcela de 60% será renovada por 12 meses a partir do vencimento original.

Fonte: Jornal O Globo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

JBS ganaderos vuelven a venderle

26/07/17 - por Equipe BeefPoint De 18 a 23 de julho, o jornal Valor Econômico percorreu 2,6 mil quilômetros pelos Estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso a convite da expedição técnica “Rally da Pecuária”, organizada pela Agroconsult. A constatação foi de que os pecuaristas da região Norte do país estão retomando à normalidade dos abates.

Quando a delação premiada dos controladores da JBS veio a público, o Rancho Pé de Serra, fazenda de pequeno porte de Ji-Paraná, programava-se para enviar 72 animais para o frigorífico da companhia em São Miguel do Guaporé (RO). Receoso, o pecuarista Alexandre Neto desistiu do negócio, mas não sem custos.

Para segurar o rebanho na fazenda e ao mesmo tempo não prejudicar a condição das pastagens, Neto e o filho Michael Gularte gastaram em ração. Mas o preço do boi gordo caiu drasticamente, e o pecuarista agora calcula o prejuízo. “Estou perdendo R\$ 24 mil”, lamentou, citando que poderia ter comercializado o boi a R\$ 130 por arroba – hoje, o preço está abaixo de R\$ 120. Diante disso, o produtor deseja vender para a JBS, mesmo porque o pasto só deve se degradar em razão do período sem chuvas.

Também no Acre, a confiança está voltando. Um dos poucos que não desistiram de vender à JBS em maio – auge da delação -, o fazendeiro Mauro Sérgio Andrade, de Senador Guiomard (AC), já vê os colegas mais resistentes voltarem a fechar negócios com a companhia.

O ponto de inflexão, lembrou ele, aconteceu em meados de junho. Foi quando a decisão da JBS de só pagar os pecuaristas a prazo, e não mais à vista, completou um mês. Como os primeiros pagamentos sob a nova sistemática foram realizados em dia, a expectativa de calote diminuiu.

Para Andrade, o fato de ter mantido as vendas se mostrou um “duplo acerto”. Além de receber no dia combinado, ele escapou da queda dos preços do boi gordo desde então e, em meio ao cenário de oferta mais restrita para a JBS no “pós-delação”, conseguiu vender a arroba das novilhas pelo mesma cotação dos machos.

Pecuarista e dono de um frigorífico que comercializa carne só em Rondônia, o empresário Carlos Lira também acredita que é inevitável voltar a vender para a JBS. “Fiquei represando gado, mas está chegando a hora”, afirmou, ressaltando o impacto negativo do clima sobre as pastagens, o que o obrigará a comercializar os bois que já atingiram o peso de abate. Ainda que a preocupação permaneça, Lira já se sentiu “aliviado” ao ver a regularidade dos pagamentos da JBS aos pecuaristas.

Nesse processo, os abates da JBS caminham rumo à normalização. Nos cinco frigoríficos que tem no Acre e em Rondônia – em Porto Velho, Vilhena, São Miguel do Guaporé e Pimenta Bueno, em Rondônia, em Rio Branco, no Acre -, a empresa está abatendo 4 mil cabeças por dia. Em todo o Brasil, os abates semanais já estão perto dos 27 mil bois diários – 135 mil por semana.

No entanto, para voltar à normalidade, a JBS teria de abater 180 mil bois por semana, ou 30 mil animais por dia, incluindo os sábados.

Além disso, poucas vezes na história a rentabilidade da produção da carne bovina foi tão alta.

Como os preços da carne bovina oscilaram pouco na comparação com os do boi gordo – desde janeiro, a arroba recuou 17,6%, pressionada pelos efeitos da maior oferta de gado, da Operação Carne Fraca e da delação dos irmãos Batista -, o indicador de margem bruta dos frigoríficos brasileiros calculado pela



Agroconsult atingiu 39,4% na parcial deste mês, o maior nível desde 2007, segundo Maurício Nogueira, que coordena o Rally da Pecuária.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

JBS contrata personal en los estados de Goiás y Mato Grosso do Sul

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 26 de julho de 2017 - Empresa está contratando trabalhadores para unidades de bovinos e suínos nos dois Estados

A JBS está contratando trabalhadores em Goiás. A empresa abriu 65 vagas em Goiânia, 50 em Senador Canedo e 30 em Mozarlândia. Segundo a JBS, as contratações em Goiânia são fruto de investimento recente na ampliação da unidade, que elevará a capacidade de desossa de bovinos em 40%, para abastecer os mercados nacional e internacional. Nas outras duas unidades do Estado, o crescimento do quadro de funcionários se deve à retomada do volume de abates, afirma a JBS, em nota. Entre maio e julho, a companhia já contratou 85 pessoas em Senador Canedo e 150 em Mozarlândia.

Em Mato Grosso do Sul a JBS abriu 400 vagas. A empresa investiu na unidade de Dourados para aumentar o abate de suínos em 40% para atender às demandas dos mercados interno e externo, com carne suína in natura e industrializados, segundo a empresa. A companhia também abriu 123 vagas em outras unidades de carne bovina do Estado.

"Em todos os negócios, os investimentos fazem parte do plano estratégico de crescimento das unidades e estão em conformidade com o orçamento projetado para o período", afirmou a JBS, em nota.

Marfrig reabre estabelecimento en Paranaíba

28/07/17 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods decidiu reabrir o frigorífico que tem em Paranaíba, em Mato Grosso do Sul. Com capacidade para abater cerca de 700 cabeças de gado bovino por dia, a unidade deverá ser reaberta em cerca de 40 dias. Será a terceira fábrica reaberta este ano.

No início de julho, a Marfrig anunciou a reabertura dos frigoríficos que tem em Pirenópolis (GO) e Nova Xavantina (MT), além da ampliação dos abates em outras quatro unidades localizadas nos Estados de Goiás, Pará, Mato Grosso e Rondônia. Com isso, a empresa estimou no início do mês que sua capacidade de abate seria ampliada em cerca de 25% – sem considerar a retomada dos abates em Paranaíba, que ainda não foi anunciada.

Procurada, a empresa informou que está analisando a reabertura da unidade de Paranaíba. "A companhia reitera que trata-se de uma análise e, neste momento, não há confirmação sobre a reabertura da unidade".

Até outubro, a Marfrig poderá reabrir uma quarta unidade. A empresa negocia com o governo do Rio Grande do Sul a retomada da unidade de Alegrete, que tem capacidade para abater 700 bovinos por dia. Essa indústria foi fechada em 2016 pela companhia, mas há um acordo com a Justiça do Trabalho para retomar os abates até 31 de outubro.

No caso de Alegrete, a Marfrig confirmou que "estão sendo analisadas as condições de mercado e realizadas reuniões entre executivos da companhia, associações e autoridades do Estado".

Para Lygia Pimentel, diretora da Agrifatto, a oferta de gado é a principal explicação para a reabertura de frigoríficos. "Estão abrindo unidades em concordância com movimento normal de aumento de oferta de boi", afirmou a analista.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.